

O Direito, a ética e o mundo contemporâneo

Jair Eduardo Santana
Mestre em Direito do Estado (Puc / SP)
Professor em cursos de pós-graduação. Atua na capacitação
de servidores públicos das três esferas de governo
Magistrado de Entrância Especial

Bom seria se cultivássemos o salutar e raro hábito da reflexão. O ingresso na nova Era é momento apropriado para isso. O que fomos, o que seremos, as diversas perspectivas e dimensões do homem, desde o seu aparecimento na Terra aos dias de hoje, nossa cultura e sua expressão, dentre outros tantos aspectos, são atualmente objeto de questionamentos mais profundos.

Não se pode aquilatar a época atual de modo desconectado em relação ao passado; aquela é apenas um micro-fragmento nos milhões de anos que já se passaram nesse planeta. Nessa ótica não se poderá dizer que a evolução humana foi por demais expressiva. O mundo dito moderno trouxe tecnologia e avanços científicos, mas também se fez acompanhar de desastres, catástrofes e desacertos talvez irrecuperáveis. O globo terrestre se fez dividir, na ordem econômica, em duas grandes famílias. Não estamos certos de que os capitalistas venceram, acaso a referência que se tenha seja a antropocêntrica, já que mesmo ali a miséria impera. O crescimento ilimitado que a ordem proclamada vencedora gera em si, traz um terrível e antagônico contraste porque — e justamente por isso — não mede suas próprias forças, atropelando a tudo e a todos. O mundo contemporâneo revela esse entristecedor cenário econômico.

Na visão política, não há quem hoje não se auto-denomine em prol da democracia. E isso ocorre mesmo nos ambientes mais autoritários possíveis. Apenas o termo é que se flexibiliza diante das preferências presentes e conforme o poder dominante; este dita costumeiramente as nuances a serem dadas ao regime imposto. A todo modo, firmou-se a mundial idéia de que o melhor governo é o das leis, e não o dos homens.

O Direito, como expressão cultural do homem, se coloca nessa moldura em franca tensão com os princípios éticos, com a moral e, especialmente, com a justiça social. Isso porque comprovadamente o Direito não tem o poder de deixar em pé a ética; infinitas condutas, embora acobertadas pela ordem jurídica vigente, não se equacionam de modo ético. Ocorre que para quase

todos o Direito se confunde com a lei. Esquecem-se esses que a ética, como a moral, são antes de tudo, virtudes que no mais das vezes escapam aos textos legislativos. O mundo de hoje tem se contentado com o Direito, mas tem se esquecido sobremodo do justo; tem se satisfeito com as leis, mas relega a plano secundário a ética.

O aglutinamento dos povos em torno de aspectos econômicos é hoje fenômeno real. Isso seguramente trará reflexos noutras bandas e naturalmente desencadeará uma busca de novos paradigmas sociais, criando-se quem sabe uma nova ordem jurídica globalizada e uma outra ética mais apropriada ao seu tempo.

O universo pós-contemporâneo reclama o estabelecimento de mecanismos que sejam aptos a solver os grandes problemas da Terra na mesma magnitude em que eles se apresentam. Avizinhando-se uma nova ordem mundial, aproximam-se também novos valores, embutindo-se nesses um Direito e uma ética ainda não experimentada.

Não se vislumbra a todos conduta que não a fraterna e solidária já que, nesse contexto, as agruras de uns são, a um só tempo, de todos. E, além do mais, se somos todos irmãos e irmãs, somos também filhos de uma mesma mãe, tendo uma só origem, natural ou divina. Não que necessitemos ser franciscanos ao extremo, mas para o atingimento de um equilíbrio dialético entre o *ser* e o *meio*, algo haveremos de fazer. E isso não está longe de nós mesmos; está bem ao alcance de nossos espíritos e consciências.

Jair Eduardo Santana